

**Revista Outras Fronteiras entrevista Maria do Socorro de Sousa Araújo
que fala sobre “HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA”**

Por
Caroline Martins Ojeda,
Jéssika Hingridi Rodriguês Vieira,
Leonice Bazzi do Nascimento e
Renata Costa

A revista discente do Programa de Pós-graduação em História “Outras Fronteiras” entrevistou a professora Maria do Socorro de Sousa Araújo que possui graduação em Medicina Veterinária pela Fundação Francisco Mascarenhas, Patos/PB (1979), graduação em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (1993), Mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2002) e Doutorado em História Cultural, na UNICAMP (2013). Atualmente é professora titular da Universidade do Estado de Mato Grosso, com lotação no Departamento de História, do Campus Universitário "Jane Vanini" - UNEMAT/Cáceres. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, atuando principalmente nas seguintes áreas: História Cultural e História Política. Tem experiência com pesquisa com fontes orais e integra o Núcleo de Estudos Literários/NEL do Departamento de Letras, UNEMAT/Cáceres/MT. Faz parte do Grupo de Pesquisa Fronteira Oeste: Poder, Economia e Sociedade, vinculado ao Departamento de História do Campus de Cáceres/MT. A entrevistada fala sobre “História Oral e Memória” e também sobre sua trajetória acadêmica.

Revista: De acordo com a sua trajetória acadêmica, nós percebemos que você possui formação em áreas distintas. Gostaríamos de saber qual foi seu interesse em história. Como mudar de uma área para outra, assim, tão diferentes?

Maria do Socorro: Bom, primeiro eu quero agradecer ao convite da entrevista, é um prazer muito grande estar aqui com vocês, contribuindo com um trabalho que eu acho muito especial. A minha primeira formação não é na área de história, é na área de medicina veterinária. Eu terminei meu curso ainda quando eu estava no Nordeste, sou emigrante, e quando terminei vim embora para Mato Grosso, onde... na verdade não foi a minha primeira escolha, voluntária, foi uma escolha mais por acaso.

Uma escolha por acaso porque eu tinha ido para São Paulo, especialmente na cidade de São José dos Campos, mas eu não tinha pretensão de ficar em São Paulo. Gostaria de ir para algum lugar que tivesse a possibilidade de um exercício profissional, principalmente por estar começando a profissão. Não tinha muita definição do lugar onde eu estava querendo começar, só sabia que em São Paulo eu não queria ficar.

E aí, por acaso, eu peguei um atlas geográfico e abri, pensando “onde eu vou abrir”. E de fato caiu Mato Grosso, e assim decidi vir para Mato Grosso, tentar um começo de vida profissional, na área de veterinária. Então escolhi a cidade de Cáceres, também porque eu não queria começar num lugar onde fosse capital e, portanto, uma cidade de interior era melhor. E Mato Grosso, ainda que por acaso, era muito interessante no meu imaginário, pelo fato de pensar Mato Grosso muito com a questão do gado, não é? Um lugar ainda muito inexplorado, no ponto de vista de todo um imaginário que eu tinha construído ainda na minha adolescência, na minha juventude e tal.

Então vim parar em Mato Grosso assim, e por aí comecei a minha vida profissional em Cáceres e em torno de um ano e meio de vivência em Cáceres, trabalhei como veterinária, mas por várias outras circunstâncias acabei me afastando de veterinária. Tive a oportunidade de ter outras experiências de trabalho em Cáceres, mas uma delas foi, pela sobrevivência... eu fui dar aula – no ensino que hoje é considerado Ensino Médio – e aí eu dei aula de biologia, física, química para o Ensino médio. E havia uma certa vinculação das áreas de conhecimento com a minha formação. Do conhecimento escolar com a minha formação.

Entretanto, mesmo que eu tivesse a prática, e isso também, lá no Nordeste, eu já tinha a experiência de dar aula... minha primeira experiência de professora em sala de aula, quando eu fazia veterinária, foi com história, geografia e OSPB, num cursinho pré-vestibular. Eu já tinha, portanto, essa experiência toda em sala de aula lá no CEON, dando aula, isso em 1982, 1981... eu não podia fazer concurso do Estado, porque eu não tinha o título de licenciatura, eu portava um título de bacharelado. Veterinária é bacharelado, e aí eu não tinha título de licenciatura e, portanto, não tinha habilitação para ser professora. Então juntando isso com outras circunstâncias mais particulares, eu me vi impossibilitada de ser professora e fiquei pensando “eu ainda vou fazer um curso que tenha licenciatura para eu conseguir dar aula”.

Bom, quando foi em 1986, eu tive a oportunidade de vir trabalhar em Cuiabá, empregada num cargo de confiança, e cargo de confiança é muito imprevisível e temporário. Fiquei pensando muito em que fazer, porque a qualquer momento eu poderia perder a oportunidade de trabalho, tendo em vista que estava dentro desta situação. Aí fiquei pensando uma série de coisas que eu poderia optar, e uma das opções que eu tive foi história.

Como que eu cheguei na história? No primeiro momento fiquei pensando quais áreas poderiam me ser razoavelmente prazerosas. E eu tinha três áreas, tinha pensado em três cursos na verdade. Eu tinha pensado no curso de direito, eu tinha pensado em um curso que era novo na UFMT, que era o curso de jornalismo, e tinha pensado no curso de história. Fiz a opção por história porque... primeiro porque tinha a licenciatura, e isso era uma coisa que eu queria fazer, segundo porque eu pensava que na história eu ia encontrar uma porção de respostas para uma porção de inquietações que eu tinha tido até então, sobretudo, na minha experiência política interessante que eu tive, em Cáceres. E aí uma série de coisas que eu não entendia na época, eu pensava que na história poderia encontrar respostas.

Então eu cheguei na história dessa forma, fui fazer vestibular, como qualquer um outro, e aí comecei um curso de história na UFMT, terminei a graduação, depois voltei para Cáceres, e aí ingressei na UNEMAT, no curso de história da UNEMAT.

Revista: O que você poderia nos dizer a respeito do percurso na UNEMAT?

Maria do Socorro: Olha, eu cheguei em Cáceres em 1980 e, digamos assim, o núcleo, o tronco, a raiz da UNEMAT já existia, que era o IESC – Instituto de Ensino Superior de Cáceres – , se não me engano, em 1980 o IESC, que passou para a jurisdição do Estado, porque antes era da prefeitura, e aí o Estado começou a se responsabilizar e a ser o gestor público da Instituição. O gestor não, a esfera da acolhida da UNEMAT.

Então eu já conhecia um pouco a história e aquela vivência do IESC, mas nunca tinha me encorajado a ir para o IESC... talvez em relação a época, não é? Porque na época eu fiquei um pouco assustada ou entediada com a ideia de não ter licenciatura. Como isso foi lá na escola, no CEON, eu fiquei pensando que eu poderia também encontrar portas fechadas no IESC, pelo fato de não ter licenciatura. Mas, de fato, foi uma certa ignorância minha e compreensão ao que era o Ensino Superior de Cáceres.

Bom, terminei minha graduação em 1993 e neste mesmo ano ingressei como professora interina no curso de história, e em 1994 me efetivei por concurso. Nesse mesmo ano o governo do Estado, a partir de uma série de lutas, intervenções, e de empenho político, sobretudo do reitor da época, Carlos Alberto Maldonado, fez muita pressão, negociou muito com o Estado, para que o Estado transformasse o Instituto de Ensino Superior em Universidade.

Na verdade, em 1994 já tinha passado para Fundação de Ensino Superior, e a partir de então houve um decreto que fundou a UNEMAT, em 1994. Então, com o concurso eu me efetivei, e a partir de então me dediquei... toda minha vida profissional de lá para cá, no curso de história da UNEMAT, para quem eu tenho muita gratidão, de ter me acolhido da forma que me acolheu e também pelo fato de hoje eu poder me sentir um tanto quanto parte das pessoas que fizeram a história da UNEMAT. Fizeram e que fazem a história da UNEMAT.

Então esse percurso... hoje nós estamos, acho que com vinte três, vinte cinco anos de curso de história, eu tenho vinte e dois anos, é o quarto curso da UNEMAT e eu tenho vinte e dois anos de trabalho nesse curso, que em vários momentos da UNEMAT eu sou parte disso também, me sinto bastante orgulhosa de ter contribuído com Cáceres, especialmente com a UNEMAT. No sentido de uma instituição pública que procura, na medida dos seus esforços, atender demandas do Estado e inicialmente foi uma demanda muito forte, pela formação de professores, não só em Cáceres, mas no interior do Estado inteiro. E a UNEMAT de certa forma cumpriu seu papel, porque ela foi pensada como uma Universidade do interior para atender as demandas do interior do estado, tendo em vista que a capital, Cuiabá, já teria uma estrutura de ensino superior bastante consolidada. E porque, também, as populações do interior do Estado, sobretudo da região oeste do Estado de Mato Grosso, é uma população pobre que tem muita dificuldade, tinha e ainda continua tendo, uma dificuldade muito grande de sair de Cáceres para a sua formação. Então eu acho que esse é um dos itens da UNEMAT que eu, particularmente, tenho muito apreço. Acho que valeu a pena ter me esforçado e participado dessa história, dessa natureza.

Mas a UNEMAT, de certa forma, cresceu muito, ela saiu da sua condição de instituição de formação de professores, tem hoje uma abrangência muito forte no Estado inteiro, em várias áreas do conhecimento. Eu acho que isso a torna bastante forte, do ponto de vista político e de uma luta que não cessa, porque nós temos muitos limites,

muitas dificuldades de infraestrutura. Mas eu acredito muito nas cabeças pensantes que têm dentro da UNEMAT. Hoje a gente já tem, isso é muito recente, mas a gente já tem vários programas de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado. Eu penso que isso é resultado desse esforço coletivo, da Instituição como um todo e eu continuo acreditando na UNEMAT, penso que ela não tem condição de retroceder no que ela já foi. Penso que daqui para frente tende a se projetar no cenário regional, estadual, nacional e para além do nacional também.

Revista: Por que e como você iniciou seu percurso acadêmico utilizando a história oral? Nós sabemos que você já desenvolveu vários projetos e gostaríamos que você contasse um pouco a respeito.

Maria do Socorro: Eu comecei a ter a primeira experiência, o primeiro contato, com história oral, com uma professora da graduação, que eu tenho um apreço muito grande por sua qualidade profissional, a professora Regina Beatriz. Ela hoje se encontra na Universidade Federal de Pernambuco, mas foi a pessoa com quem eu tive o primeiro contato, a primeira ideia do que seria história oral.

Esse primeiro contato foi de fato na época em que eu era aluna da graduação, e houve uma parceria entre a UFMT e a prefeitura de Cuiabá, para se fazer o Plano Diretor de Cuiabá. Nessa experiência eu tive a informação que seria o curso de história, que iria participar, e em especial a professora Regina me falou que queria participar, fazendo contato com as pessoas da periferia da cidade, as pessoas que teriam o que dizer sobre a cidade, para que a sua leitura sobre a cidade fosse considerada, no Plano Diretor de Cuiabá, na época. Aí quando ela me falou que... num primeiro momento seria um trabalho com entrevistas. Eu fiz a seleção de bolsista, passei para o projeto, como bolsista de Iniciação Científica, se não me engano, ou se era Extensão... era um projeto em que eu fui bolsista.

Quando me tornei bolsista, aquele primeiro momento do trabalho não é ir para a rua, não é para ir para o laboratório imediatamente. Especialmente na história, o primeiro contato é a gente entender o que é que é isso que eu vou fazer. O que é isso de atividade que eu tenho para dar conta. Fui ler sobre o que era história oral. Claro que era muito estranho, tudo era muito novo, muito esquisito, não é?

Se não me engano éramos três bolsistas e a Regina era quem coordenava este grupo de bolsistas, que iria trabalhar com fontes orais. Então nós fomos estudar, depois

tivemos algumas orientações da professora, e então fomos para campo. Esse foi o meu primeiro contato com fontes orais.

No primeiro momento a gente tem uma outra ideia do que seja a história oral, mas quando você vai para a prática você consegue ter uma visão mais aprofundada, mais ampliada do que é o trabalho com fontes orais. Então meu primeiro contato foi esse.

Revista: Como você compreende a utilização da história oral no percurso de pesquisa do historiador?

Maria do Socorro: Bom, com as minhas experiências, as aprendizagens e essa orientação da Regina, que tem um valor na minha vida profissional muito grande, marcou muito a minha vida profissional e até hoje é muito forte, esse convívio como bolsista, como orientanda da Regina. Uma das questões que sempre ficou muito clara para o grupo de trabalho que a Regina coordenava, e isso eu incorporei como sendo... compartilhando desta perspectiva, é entender a história oral não como um campo historiográfico, nem muito menos como uma produção da história, mas como sendo uma possibilidade de metodologia de pesquisa.

Então, desde sempre, na minha experiência, a história oral tem sido tratada como sendo um método de pesquisa. Um método de pesquisa que opera uma fonte muito especial, na minha opinião, que é a entrevista. E uma entrevista que é feita com as pessoas, em que elas se pré-dispõem a exteriorizar de uma forma ou de outra, pelas várias linguagens manifestadas pelo sujeito que fala, pelo depoente, como sendo um exercício muito forte de memória.

No momento da entrevista, quando a gente acaba de fazer a entrevista, na sua versão final – que é um trabalho muito longo –, não é uma coisa rápida, não é uma coisa para se fazer de qualquer jeito. Requer uma série de cuidados, uma série de cuidados mesmo no sentido da produção da fonte. Na verdade, eu acho que a fonte oral é a gente produzir a fonte ou a gente trabalhar com uma fonte documental que outra pessoa possa ter produzido. Então, trabalhar com fonte oral, é uma coisa muito delicada, porque as pessoas estão falando para nós das suas memórias, das suas opiniões, das suas percepções de mundo.

É um campo muito complexo. Não é uma coisa para a gente pensar imediatamente como sendo uma fonte que traz a verdade, pelo contrário. É uma fonte que pode, deve e tem que ser questionada e tem que ser também tratada com o rigor de qualquer outra fonte documental. Ela não está, nem a fonte oral, nem a escrita, a imagética, a virtual, nenhuma dessas fontes na história necessariamente tem que ter uma hierarquização. Elas têm que ter a mesma igualdade de tratamento, com o rigor acadêmico que cada pesquisa se predispõe. Portanto, é pensar a história oral como uma metodologia de pesquisa que vai nos oferecer possibilidades de interpretações do passado.

Então a história oral, ou a entrevista, ou a fonte oral tem, como qualquer outra fonte, essa grande riqueza de nos transportar com muita força para o passado. Um passado que talvez eu não tenha vivido e mesmo que eu tenha vivido, me oportuniza pensar como é que a outra pessoa enxergou, viu e como é que ela está relatando esse passado. E eu acho que é o grande ponto que nos arrasta, que faz uma diferença muito grande com as outras fontes, é a sedução que ela produz. Não que a fonte escrita ou outra fonte não seduza, porque as fontes documentais tendem sempre a seduzir o historiador de uma forma ou de outra.

Mas a fonte oral, sobretudo quando você é a pessoa que está ali no processo de produção da fonte, que é a entrevista... ela tem uma possibilidade muito grande de te arrastar com mais força. Porque você está diretamente em contato com quem detém a guarda dessa memória. E dependendo de como se conta o passado, a sedução é muito forte, porque você está ali diante da pessoa que te arrasta. E embora você tendo que fazer um exercício difícil para você se comportar apenas como um ouvinte, um ouvinte do falante, a sedução desse falante te leva, de certa forma, tão arrebatadora, que muitas vezes você tende a embarcar na fonte e esse é o grande perigo de trabalhar com a fonte oral.

Revista: Quais são as temáticas de pesquisa ou de projeto que você utiliza na história oral e o que você está desenvolvendo em termos de projeto de pesquisa atualmente?

Maria do Socorro: Bom, já contei a minha primeira experiência da fonte oral e confesso que fiquei seduzida desde a primeira vez pela fonte oral. Eu lembro que a gente marcou de fazer entrevista com um senhor que era ribeirinho e foi a primeira vez, eu tinha mais de uma década em Mato Grosso. Mas essa foi a primeira vez que eu tive a

experiência de ouvir com mais atenção um nativo falante. Um nativo falando da sua experiência, da sua cultura, da sua percepção de mundo, da forma como ele entendia a vida. Então isso foi uma coisa muito instigante para mim.

Quando fui fazer o meu Trabalho de Conclusão de Curso, fiquei muito tentada a utilizar a fonte oral também e tive a oportunidade, muito pequena ainda e com muita imaturidade em termo de pesquisa, mas me arrisquei a fazer um trecho do meu TCC também com a fonte oral. Fui buscar outras fontes documentais, mas a fonte oral também fez parte, até porque eu escolhi como uma experiência do meu primeiro trabalho de pesquisa. O trabalho para o Plano Diretor foi a minha primeira experiência, mas não era um trabalho meu. Era um trabalho institucional, de um grupo de professores.

Quando foi no TCC me arrisquei, mas claro que depois de um tempo, você vai olhar o que você fez no seu primeiro trabalho e você vai perceber que foi de uma imaturidade, de uma inocência, enfim, de uma série de limites. Não que hoje eu tenha o domínio total, não é isso. Mas eu continuei com essa experiência. Fiz a especialização e não utilizei as fontes orais porque a minha opção foi a de fazer um trabalho mais próximo da literatura com a história. E aí na especialização não foi necessário, não foi possível usar as fontes orais e também entendi que em momento nenhum você tem que forçar, impor, de certa forma, uma fonte onde ela não cabe.

Bom, depois eu fui para o mestrado. No mestrado – eu fui da segunda turma desse programa de mestrado –, e a Regina continuou sendo minha orientadora. Então, quando eu ingressei no programa, na segunda turma, se não me engano em 2000, fui fazer um trabalho de pesquisa com um pouco mais de maturidade, de mais exigência e rigor. Não que o TCC não tenha tido, mas o mestrado, por ser uma pós-graduação exige muito mais experiência e maturidade do aluno. A pesquisa precisa estar mais bem formatada na cabeça do aluno.

Então eu fui trabalhar também com um tipo de fonte documental que era muito novo para mim e que também era muito novo na historiografia. Eu lembro que a Regina falou: “Olha minha filha, você vai ter que se virar porque não existe muito trabalho de referência nessa área e você tem que dar conta!” Foi quando eu trabalhei com cartas e cartas escritas e trocadas entre o mundo mais privado, um mundo mais familiar. E por necessidade, encontrei uma forma – não que eu tenha forçado a barra –, mas eu tive

também uma necessidade de encontrar pessoas que pudessem me dizer para além do que as cartas diziam, para eu conseguir dar uma estrutura melhor para a minha pesquisa.

Então fui para São Paulo, e consegui conversar com algumas pessoas, foram seis pessoas que eu trabalhei no mestrado. Foi de uma valia muito grande, porque algumas lacunas, penso eu, não seria possível preenchê-las, se não fossem pessoas que pudessem me relatar suas experiências daquela época. Então, pessoas me relatando suas experiências de vida da década de 1970. Encontrei três pessoas em São Paulo e mais três pessoas em Cáceres e deu para fechar as lacunas da documentação escrita.

Mas eu quero fazer aqui uma observação: a fonte oral não pode ser considerada um preenchimento de lacuna da fonte escrita. Eu estou dizendo – nesse caso especial – algumas informações que eu não consegui da documentação escrita eu encontrei nos depoimentos das pessoas que se dispuseram em me ajudar na pesquisa. Então, não como complemento, mas a fonte oral me deu mais chão para firmar um pouco mais os trabalhos de compreensão da história, interpretação e produção do texto historiográfico. Essa foi mais uma experiência.

Quando eu terminei o meu mestrado eu voltei para as minhas atividades em Cáceres e comecei a pensar um projeto de pesquisa – porque eu não queria ficar sem pesquisa. E comecei a pensar em algo que saísse da mesmice, que não fosse uma continuidade do mestrado, e que fosse desafiador. Comecei a pensar algumas coisas e me peguei vendo uma coisa muito interessante em Cáceres que é uma – não sei se isso pode ser considerado uma característica –, mas em Cáceres muitas pessoas passavam de seus oitenta anos. Então isso me chamava muita atenção.

Pessoas nativas passando dos oitenta anos com uma vitalidade muito grande. Lembro que algumas pessoas de Cáceres mesmo dizendo: “Olha, isso se deve ao pacu e ao guaraná!” E comecei até a buscar algumas coisas, como é que o pacu poderia influenciar. Coisas de biomedicina. E fiquei de alguma forma procurando essas coisas. E fiquei pensando que essas pessoas podiam ter muita coisa boa para contar e que ainda não estavam escritas. Que talvez a cidade conhecesse, mas que ainda não estavam escritas. E fiquei pensando, por que não um projeto de história oral que essas pessoas pudessem falar de suas experiências de vida? E, portanto, seria uma função da própria universidade e em especial do Curso de História.

Elaborei o projeto, que durou três anos. Comecei meio insegura, pois, afinal, temos que ter muito claro que quando a gente parte para esse tipo de pesquisa, você está mexendo com a vida pessoal dos ‘eleitos’, dos seus escolhidos para o trabalho. Fiquei pensando que seria muito delicado e que teria que ter muito cuidado no tratamento com essas pessoas. Porque essas pessoas iam, na minha projeção do trabalho, falar de suas vidas. Falar de suas vidas era falar de coisas muito particulares, e isso exige uma condição ética muito forte que você não pode abrir mão de forma nenhuma. Quando elaborei o projeto isso estava muito claro na minha cabeça.

Mesmo que a professora Regina tenha deixado de ser minha orientadora formalmente, eu sempre tive contato com ela para que não tivesse nenhum problema por descuido. Ficamos muito próximas durante o trabalho, foram três anos. Nesse projeto, foi um dos projetos mais interessantes da minha vida profissional, porque eu não sabia como era trabalhar com pessoas dessa faixa etária. Comecei a ler uma série de textos, autores, reli uma porção de textos sobre memória para trabalhar sempre a memória com a história. E fui ler muito especificamente e reler com mais cuidado e mais experiência o trabalho de metodologia com fontes orais.

Alguns autores foram fundamentais, como, por exemplo, Verena Alberti, foi uma leitura que eu particularmente até hoje sempre recorro, o “Manual de História Oral” que ela produziu, o “Ouvir Contar”, dela também. O trabalho que a Marieta Ferreira fez com a Janaina Amado. O trabalho da própria Regina Beatriz, do Antônio Torres Montenegro, do Alexandro Portelli, e outros que me ajudaram muito a entender e a me instrumentalizar no trabalho com a fonte oral. A partir disso, fui a campo, passei uns seis meses, juntamente com os bolsistas, fazendo todo o trabalho de leitura teórica, metodológica, para depois a gente ir a campo. Então nós fomos para campo e foi um trabalho muito sedutor em muitos aspectos. Do ponto de vista institucional, pessoal, profissional, e do ponto de vista intelectual. Porque foi possível encontrar outra cidade de Cáceres nas narrativas.

Outra cidade que algumas pessoas da cidade não se lembravam daquela cidade que foi contada. Então comecei a entrevistar as pessoas. A escolha não era aleatória, mas eu sempre procurava, baseado na leitura de Walter Benjamin, “O narrador”, eu sempre estava procurando o ‘narrador da cidade’. E o narrador, bem naquela perspectiva do Benjamin, quando ele aponta dois narradores interessantes: o campesino e o viajante. E eu queria encontrar esses narradores de Benjamin. Certamente era a minha primeira

entrada no mundo da fonte oral, nessa perspectiva. Eu não encontrei os dois narradores de Benjamin, mas encontrei narradores que talvez Benjamin quisesse escrever, se tivesse conhecido.

Claro que eu não estou querendo ser pretensiosa ao ponto de questionar Benjamin, de forma nenhuma. Mas foram pessoas escolhidas... eu procurava muito saber quem era a pessoa, qual a história de vida daquela pessoa, antes que a pessoa soubesse que eu iria convidá-la para a entrevista. De forma que cada entrevistado tinha uma espécie de representação para o projeto. Por exemplo, um tinha sido fazendeiro, o outro farmacêutico, o outro comerciante, mas tinha sido também uma pessoa que tem muito a ver com a história do cinema na cidade. O outro era caçador, o outro era pescador, a outra tinha sido dona de casa, mas com grande participação nos grupos sociais da cidade. Enfim, foram dezoito entrevistados.

Eu pensava que era preciso cinquenta, eu achava que era pouco, pois imaginava também que em uma hora de conversa eles poderiam contar suas vidas. A minha imaturidade em trabalhar, a minha inexperiência com a fonte história oral me fez pensar isso, e quando eu fui para campo, geralmente três, quatro horas de conversas para eles contarem suas histórias de vida. Tive uma experiência muito interessante, todas essas entrevistas, depois de acabadas, as suas versões finais, que estão disponíveis para pesquisa – um volume de quinhentas e cinquenta e três páginas –, a versão final está disponível para pesquisa. Elas estão digitalizadas, que contam a cidade pelo olhar delas. E isso tem fomentado algumas pesquisas dos alunos de graduação e eu não tenho me poupado em falar da riqueza do que sejam essas narrativas. Pensando nas perspectivas de narrativas, não de história. Alguns textos eu já produzi, a partir dessas narrativas. No final desse projeto, isso foi uma decisão minha, quando eu li sobre história oral e com a ética, desde o começo do projeto, eu tinha decidido fazer alguma coisa no final do projeto. No final do projeto, terminou o projeto, na semana seguinte, eu fiz dezoito volumes, encadernados, reuni no clube Humaitá de Cáceres, chamei os dezoito entrevistados, um deles não estava mais vivo. Fiz dezoito cópias do trabalho e cada entrevistado levou uma cópia escrita de todas as entrevistas. Fiz um agradecimento público, porque eles todos foram imprescindíveis, todos eles foram muito importantes.

Lembro que um momento muito forte desse evento, foi quando uma filha de um dos entrevistados me procurou porque queria não só a entrevista escrita, queria o CD do

áudio, mas, o áudio, porque ela queria guardar a voz do pai dela. A gente se envolve. Isso, envolve, envolve no ponto de vista das sensações, das emoções.

Foi muito forte porque eu me senti, como professora da Instituição, levando a instituição para fora dela. Foi muito forte, foi um contato muito forte, na perspectiva de vida. Foi com o ato da moça, que pediu a fala do pai, que de lá para cá que eu tenho trabalhado a memória como sendo a entrada para a eternidade. Muitos deles não estão mais vivos e de vez em quando eu encontro alguém da família, a família fala do tamanho do significado que teve receber os volumes das entrevistas. Tem uma senhorinha de sessenta e sete anos – alguém me falou –, que guardou com tanto carinho que não deixava ninguém ler, ela dizia que aquele era o único livro da vida dela. Então olha só, como é que um trabalho desse atinge a alma das pessoas. Cada vez mais eu vou tomando essa responsabilidade, cada vez mais quando se trabalha com a fonte oral, é preciso ter muito cuidado, pois estamos mexendo com o que há de mais sagrada nas pessoas, seu interior.

E queria ainda fazer uma observação bastante interessante, que é o trabalho de fontes orais com idosos. Nesse projeto que a gente trabalhou com dezoito pessoas, uma particularidade eu não imaginava que iria acontecer. Conforme manda a metodologia, para a gente fazer uma entrevista, você primeiro precisa, após escolher as pessoas, se dirigir a elas, informá-las de todos os detalhes, do projeto, da entrevista, o que você vai perguntar, o que que você vai dizer. Fazer com que a pessoa tenha o máximo de informação possível para que a ela também se prepare para a entrevista. Isso está muito no tratamento ético com o seu entrevistado.

Então, esses procedimentos todos a gente fazia e em seguida perguntávamos para o entrevistado ou a entrevistada quando poderia ser feita a entrevista. Porque a gente falava: “olha, nós vamos gravar”. Porque o gravador, dependendo da pessoa, é um instrumento de inibição da entrevista. Então a pessoa se dispunha de imediato. E isso era uma coisa que me chamava atenção, porque eu achava que eu ia encontrar uma resistência, algum tipo de: “olha, não quero” e isso começou muito a me chamar a atenção. Quando nós chegávamos com a hora marcada, e sempre a gente cumpria o horário rigorosamente para não deixar a pessoa esperando. Porque com todo entrevistado eu penso que tem que ser assim, ir com tempo disponível, não deixar a pessoa esperando, se dispor para o que o entrevistado quiser, enfim. Isso a Verena Alberti trabalha de uma forma fantástica. Então nós tivemos todos esses procedimentos

e quando a gente chegava na casa da pessoa, horário marcado, a pessoa estava esperando.

Algumas pessoas chamavam mais atenção que outras. Por exemplo, uma senhorinha de noventa e quatro anos, chamou muita atenção. Quando nós chegamos, ela tinha acordado seis horas da manhã – ela marcou para as oito da manhã –, tomou banho, arrumou o ambiente da entrevista, ela se perfumou, se maquiou, botou o melhor sapato e a melhor roupa que ela tinha, e todos os lugares onde nós iríamos sentar já estavam arrumados. E isso me chamou muito a atenção.

Então, eles eram pessoas que se preparavam para a entrevista. Não se incomodavam com a entrevista e quando começavam a falar, havia um grande prazer em falar. Isso me lembra muito o trabalho da Ecléa Bosi “Lembranças de velhos”. E comecei a prestar atenção em uma porção de coisas que acontecem em torno de uma pessoa com essas condições. Geralmente eram pessoas que estavam sozinhas, em casa, não saiam mais de casa, estavam sozinhas. Quando muito uma pessoa da família fazendo os serviços de casa.

Então, há uma vida solitária muito grande dessas pessoas e aí comecei a perceber como que a nossa sociedade não inclui essas pessoas no cotidiano. Essas pessoas com seus gestos, com seus comportamentos, me disseram muito da solidão. E me disseram muito que precisavam de pessoas para compartilhar a vida que a qualquer momento não teriam mais. Eram pessoas que estavam esperando a morte chegar. Teve uma outra senhora, ela tinha noventa e seis para noventa e sete anos. E ela tinha como companhia um cachorro. Eu lembro de uma pergunta que eu fiz para ela, já no finalzinho da entrevista: “Se a senhora tivesse que escolher alguma coisa para a senhora viver ainda hoje, a senhora escolheria o quê?”. De pronto ela falou: “nada, minha filha. Nada eu escolheria. Eu não preciso de mais nada. Deus já me deu o que eu poderia ter. Eu não tive filhos, mas eu já tive um marido. Eu não sei porque que eu estou viva, minhas amigas todas morreram, meu marido morreu. Eu não sei para que eu estou aqui, eu não preciso estar mais aqui. Eu preciso morrer para ir para perto do meu marido”.

Então são pessoas que a gente precisa ter mais atenção. Por exemplo, é muito comum a gente chegar em qualquer lugar e que essas pessoas repetem para nós as histórias delas. A história que elas querem contar. E é muito comum, os adultos que fazem parte da vida dessas pessoas dizerem: “liga não, ele já contou isso. Ele conta

sempre, já estamos enjoados de ouvir”. Coisas dessa natureza, entende? Essas pessoas sabem que elas estão incomodando. Não é que sabem, elas pressentem, elas sentem que são um incômodo quando os outros as tratam assim. Mas elas precisam falar. Por que que elas precisam falar? Na minha experiência, eu entendi que elas precisam falar porque falar e falar do seu passado, falar de suas vidas, de suas experiências é o único sentido que tem para a vida. O único, não tem mais nenhum outro. Então eu acho que – eu tenho dito isso quando eu vou apresentar texto, discutir sobre memória – que essas pessoas precisam ter mais vida quando as pessoas se dispuserem a ouvi-las. Não saberia hoje dizer o que fazer com essas pessoas, mas um pouco mais de paciência acho que seria uma boa terapia, para nós e para eles. Porque eles estão ali esperando que alguém escute.

Não existe mais hoje, no mundo que a gente está vivendo, o que existia antigamente, onde os velhos contavam suas histórias para as crianças, isso acabou. As crianças de hoje em dia também são tão solitárias com os recursos midiáticos que têm. São muito solitárias. E os velhos não conseguem entrar nesse mundo virtual que poderia ser uma companhia, não sei se isso soaria dessa forma.

Então foi uma coisa que eu encontrei pelo caminho da história oral, foi entender o que é falar de si quando se está para além dos setenta anos, oitenta anos, quando não se tem mais uma atividade produtiva. Então eles precisam ter sentido para a vida. O único sentido é falar de si, falar do passado. E era muito interessante como eles gostavam de falar e como parecia que aquilo era uma festa. Parecia que aquilo lá era um banquete onde tinham os melhores e maiores prazeres da vida. Isso foi sensacional! Nenhum papel, nenhum lugar que eu possa falar de fontes orais, nenhum papel vai dar conta de passar essa sensibilidade, nenhum. Então eu acho que a fonte oral tem isso, essa riqueza que é impressionante, formidável. E aí faz a gente pensar o que é a vida, qual é o sentido que a gente empresta à vida, quando a gente está vivendo.

Revista: E atualmente, quais são seus projetos?

Maria do Socorro: Bem, no doutorado eu também trabalhei com fontes orais, fui entrevistar algumas religiosas, lá na região do Araguaia. Aí, agora, atualmente eu estou com um projeto junto do professor João Ivo, que fala sobre as vivências das populações das fronteiras Cáceres com a Bolívia. De Mato Grosso, Bolívia, especialmente, em Cáceres, na faixa fronteiras de São Matias, todo o entorno de São Matias. Esse projeto

ainda está em andamento, a gente tem ido entrevistar pessoas que têm a ver com essas experiências de vida, e relacionada às ocupações e à exploração, às vivências nas fronteiras tanto da fronteira Oeste brasileira como Oriente boliviano. Nós já encontramos muitas pessoas interessantes no ponto de vista de contarem como vivem na fronteira. E como essa fronteira é muito complexa, ela não é tão fácil como ela é vista. Quando a gente começa a estudar essa fronteira, muita coisa vem, em que as pessoas têm silenciado, porque é uma forma de sobreviver. Então a linguagem desses silêncios tem revelado muitas coisas para além do que os estudos têm se debruçado, têm focalizado, têm explorado.

A gente entrevistando tanto pessoas na fronteira de Cáceres como na fronteira no Brasil. Esse é o projeto que a gente está desenvolvendo agora e tem essa dimensão de envolvimento. A gente, às vezes se toma, se pega... vamos nos distanciar, vamos nos afastar para não nos perdermos na estrada da pesquisa. Esse é o maior perigo da história oral, da fonte oral. É como se tivesse o tempo inteiro tendo que se policiar. Porque cada vez mais é possível que você se envolva com o que o outro está falando. Como fazer com essas armadilhas das fontes orais? Estamos tendo que tomar cuidado com essas armadilhas da história oral.

Como tratar esse perigo da fonte oral, como não ficar preso nessa teia? Eu acredito que uma das coisas é o distanciamento. A todo o momento que está trabalhando, você é o pesquisador, e você não é fonte. Você não tem de se colocar na fonte. É exatamente o inverso disso. Fazer sempre o exercício de sair, e ficar como se você estivesse longe, muito embora você está muito próximo dela. É uma linha tão fina, tão fina! É um fio de navalha, entre o que você pesquisa e o que a fonte te fala. Porque, de certa forma, a fonte oral, eu já me peguei em algumas experiências assim... você precisa estar muito atento a todos os comportamentos do depoente, e o comportamento do depoente está presente em todas as manifestações de linguagens que ele está utilizando para falar. Por exemplo, o silêncio é uma linguagem que fala muito! É uma linguagem que fala muito. O olhar, as reticências, os gestos, são linguagens. Todos são linguagens, devemos estar muito atentos a essas linguagens que não são a fala. Porque nelas estão muitas histórias e muitos sentidos que ele está dando para aquela narrativa.

Eu tive uma oportunidade de perceber, durante a entrevista, naquele momento, não durante toda a entrevista, mas num determinado trecho da entrevista, ao me dizer o que o depoente estava dizendo, ele estava acertando as contas com o passado dele. Um

acerto de contas – agora é a minha interpretação, não é a dele –, que pressupostamente, nas lacunas, nos silêncios, ele estava acertando as contas com uma pessoa que ele nunca pôde acertar. Uma relação de poder muito forte em que ele era o lado mais fraco. Parece que ali, naquele momento, ele estava ali dando uma resposta, com tanta força, com tanta ênfase, para a pessoa, há cinquenta anos atrás. E isso foi uma coisa muito interessante, que só quando a gente vai para campo e passa por isso é que consegue entender o que está escrito nos textos, o que a gente precisa ler para trabalhar história.

Outras experiências também tiveram muitas linguagens cifradas. Eu pensei muito nisso, com a discussão do “não-dito” de Certeau. Nestas entrevistas eu fiquei muito, assim, procurando os não-ditos. Por exemplo, o que significa uma entonação de voz num determinado momento da entrevista, e que essa entonação de voz não é própria do depoente? É uma resposta, é uma disputa, é o quê? E sobretudo quando *you* está fazendo a entrevista.

Eu já tive oportunidade de pegar entrevistas feitas por alguém, para eu ter a sensação do que sejam as duas coisas, é muito diferente! Você trabalhar uma entrevista que você fez e uma que outra pessoa entrevistou. É diferente em que, por exemplo? Nessas linguagens. Na hora que você está falando, eu estou prestando atenção a todas essas linguagens cifradas que você está me dizendo como depoente. Ao passo que, quando eu vou ler a entrevista de alguém, que alguém fez, ainda que eu faça um esforço muito grande, eu não tenho a mesma condição, todos os detalhes. O que me deixa, vamos dizer assim, um pouco impotente em determinados detalhes, em relação àquela entrevista que eu fiz, isso é uma coisa muito interessante na fonte oral. E que quando a gente... os bolsistas dos nossos projetos, têm sido sempre orientados, desde o outro projeto que eu trabalhei com pessoas mais velhas, eu tenho sempre orientado a transcrição. É uma coisa muito delicada também para a gente ver a fonte. É muito comum que o aluno de graduação, que está na Iniciação Científica, com a sua inexperiência, ele acha que a transcrição está pronta.

Todas as vezes que eu trabalhei com fontes orais, isso me dá um cansaço muito grande, mas não é uma penitência. Faço questão de participar das entrevistas, e acompanhar todo o processo de transcrições. A versão final sempre sou eu que faço. Por dois motivos: primeiro pela inexperiência do bolsista. Eu acho que o coordenador, o professor do projeto, não pode repassar para o bolsista todas as responsabilidades. Porque ele não tem ainda essa dimensão, do significado da entrevista. Mas, também,

porque é uma fonte documental, enquanto tal, você tem que ter essa responsabilidade, para que a fonte seja a mais ampla possível. No meu caso, eu conheço a fonte, fiz entrevista, estive com o entrevistado, fiz a transcrição.

Mas essa fonte não é propriedade minha, estará disponível para outras pesquisas, para outros pesquisadores. Portanto, na transcrição é preciso sempre chamar atenção nestas linguagens cifradas, na transcrição temos tido algumas preocupações de colocar alguns detalhes dentro do próprio corpo da transcrição.

Eu penso que isso tenha facilitado a compreensão da narrativa, ainda que a pessoa não tenha feito a entrevista. Não estou dizendo que a melhor entrevista é aquela que você faz. Não, eu acho que uma entrevista boa é aquela que você deixa no ponto para que qualquer pessoa possa ler, e ter uma compreensão da maior dimensão possível que ela possa te dar.

Revista: Como você avalia essa pluralidade, versatilidade da história oral com relação aos estudos contemporâneos?

Maria do Socorro: Bom, num primeiro momento é preciso que quando pensamos a história oral, no nosso campo de trabalho, ela tem um sentido, ela tem um uso. No nosso campo de trabalho, a gente sempre trata como uma metodologia de pesquisa.

Por outro lado, nas últimas décadas, temos nos deparado com coisas muito interessantes, como é o caso das autobiografias. Que é outra coisa também completamente diferente, não saberia dizer nesse momento, se ela é uma história oral. Penso que não. Se a gente pensar no nosso campo, ela não é uma história oral. Mas não deixa de ser uma fonte de pesquisa, e tem se proliferado muito. A gente entra nas livrarias, na internet... há uma pré-disposição, um interesse muito grande, e tem se proliferado muito a escrita autobiográfica. Em alguns momentos eu fico pensando, como pode ser que tenha se proliferado isso, acho que isso pode ser desse tempo agora. Essa coisa que tem aumentado, que é a necessidade de as pessoas escreverem sobre si mesmas. Muito embora isso não seja uma coisa nova. Se você pegar, por exemplo, Fernando Bouza, ele fala muito sobre a escrita da intimidade, da escrita de si, desde o século XVI, especialmente da nobreza que circulava. E a história da vida privada que sempre aconteceu, temos vários autores, temos um acervo bibliográfico muito rico sobre a história da vida privada. Tem me chamado muito a atenção a história da autobiografia e as biografias também.

Parece-me que essa incidência de produção tem muito a ver com esse momento em que a gente vive em que o privado tem ser tornado muito público, com muita rapidez, com muita facilidade, e isso tem se confundido muito. As pessoas publicam a sua intimidade, mas ao mesmo tempo tem se cobrado de ser privado o que se tornou público. É meio confuso hoje em dia. Então acho que esse é um ponto.

O outro é a gente pensar a diferença entre a história e outros campos do conhecimento, como por exemplo, o jornalismo. O jornalismo trabalha muito com a oralidade, a entrevista, o relato, o depoimento, que tem uma outra função. É a função apenas de noticiar. É claro que a imprensa vai fazer o seu trabalho específico, como o jornalista, o repórter, o jornalismo investigativo, que é uma linha bastante forte com uma tendência muito grande, e que se aproxima um pouco com o que a história pretende fazer, sobretudo quando trabalha o tempo presente. E tem também outras manifestações com a oralidade, que é essa linguagem mais virtual que a gente tem visto, que embora não seja uma oralidade, ela não deixa de ter essa mesma condição do público e do privado se misturando e se mesclando e se cobrando, cada um como se fosse o privado no público, o público no privado, enfim.

Eu acho que essa diversidade é um pouco confusa ainda para a gente, para o historiador. Existem alguns trabalhos bastante interessantes sobre essas linguagens ou essas produções de si mesmo. Pois a história oral é sempre pensar uma produção, uma escrita de si para o outro. Eu acho que isso é uma coisa bastante forte agora, e que com as novas tecnologias todas as pessoas passaram a ter acesso a isso. Não só a fonte oral, mas se a gente tem, por exemplo, a fotografia, a imagem, que é também uma linguagem que passa para o público aquilo que é privado e vice-versa. Então eu acho que são misturas que ainda não estão... eu particularmente ainda não tenho muito claro.

Revista: Sabe-se que história oral tem sido caracterizada pela sua interdisciplinaridade e transversalidade. Com quais áreas de conhecimento, além da história, você tem dialogado?

Maria do Socorro: É eu acho que dialogado com essa coisa mesmo da imprensa, eu tenho pensado um pouco como a imprensa tem produzido, e tentando ver qual o espaço da produção da história e da produção do jornalismo. Tem uma outra dimensão da fonte oral bastante rica também, que eu esqueci de mencionar na outra pergunta, que são os depoimentos jurídicos, da justiça.

É muito interessante quando a gente lê os processos crimes, as testemunhas e o próprio testemunho, já impõe uma série de cuidados com o que está sendo dito, o que não está dito, o que pode e o que não pode ser dito. Que faz uma diferença muito grande em relação, por exemplo, a fonte oral como acabei de falar dos projetos que a gente tem trabalhado.

Há uma função distinta no depoimento para o jornalismo, para a justiça e no depoimento da fonte oral para a história, são coisas distintas. Mas em especial na história é possível dialogar com esses saberes, mas uns do que eu tenho me atrevido a pensar e a dialogar é com a psicologia. Por exemplo, eu tenho perguntado muito em nossos trabalhos, quem é do ponto de vista do eu, quem é o eu que fala. Quem é o outro que escuta quem são os outros que contém a peça narrativa de quem fala. Eu acho que a psicologia aumenta nossas inquietações. E eu acho bom que aumentem as inquietações, porque o ruim seria se elas dessem as respostas para a gente.

Então, nem a história nem a psicologia dão as respostas que a gente busca no seu todo. Mas eu acredito a psicologia nos ajuda a pensar, no sujeito que fala, no sujeito que narra. E nas estratégias que as narrativas, que os falantes enredam para falar. Então eu tenho buscado um pouco a psicologia para entender quem é a pessoa que fala.

Revista: Você lança mão de algum outro recurso em sua pesquisa utilizando a história oral? Por exemplo, como você já falou o conceito de memória, poderia falar um pouco para a gente.

Maria do Socorro: Eu desde sempre trabalhando com fonte oral não me convenci do contrário de que a fonte oral é uma relação direta com a memória. Para se trabalhar com fonte oral, em especial na história, que é diferente um pouco, por exemplo, do depoimento jurídico, mas em especial na história a fonte oral é a memória, ou pelo menos é o relato da memória. Se a gente pudesse fazer uma definição, poderíamos dizer que a memória – alguns autores até trabalham nesse sentido –, a memória é materializada pela narrativa e a narrativa oral gravada, transcrita e depois colocada no papel fisicamente é a materialidade da memória. Então a memória passa a ser um campo de discussão de abordagem e de questionamento para a gente fazer um trabalho de história.

Tanto a memória, como também – ligando um pouco com essa coisa que falei anteriormente da psicologia –, eu tenho também observado mais a linguagem

comportamental. Na hora em que a pessoa faz um gesto, essa linguagem de comportamento é uma linguagem que não está na memória. Mas é uma linguagem do corpo pelo qual a memória está se manifestando. Nesse sentido eu acho que essas ferramentas não podem em hipótese nenhuma estar separadas de um trabalho de história com fontes orais.

Revista: Quais são seus maiores desafios de pesquisa dentro da história oral que você precisa enfrentar?

Maria do Socorro: Eu acho que o maior desafio é decodificar o sujeito que fala. Às vezes a gente fica se colocando “como é que eu preciso trabalhar?”. Nem sempre a gente encontra a melhor condição para trabalhar ou o melhor caminho, às vezes a gente escolhe um caminho e aquele caminho não te leva a aquilo que você busca e aí você vai buscar outros e inventa outros e aí vai.

Então eu acho que o maior desafio é a gente ter uma percepção muito mais refinada da memória e como é que ela se manifesta. Porque quando eu estou fazendo uma entrevista eu fico também me colocando, quem eu sou naquele momento e muitas das vezes é claro que o entrevistado não percebe isso. E muitas das vezes eu estou ali como um detetive. Eu lembro muito nas aulas da Regina, uma vez ela falou uma coisa que eu nunca me distanciei depois disso, é que a gente precisa ter muito cuidado com o que a gente está fazendo, e que precisamos ser muito espertos nos detalhes. Foi quando ela falou do Conan Doyle e trouxe a figura do detetive Sherlock Holmes, ao ouvir a Regina falar desse trabalho, fui reler trabalhos do Conan Doyle e encontrei uma série de coisas que me instigou bastante. Às vezes eu fico pensando, olha eu, estou aqui pretensamente querendo ser um Sherlock Holmes na pesquisa.

Então eu acho que a gente precisa se preparar um pouco para isso, porque se não a gente não pode sair fazendo na pesquisa aquilo que eu penso. Aquilo que eu penso tem que ter uma série de intermediações, com as teorias com a metodologia com o outro, com a história, o conhecimento, o tempo. Nós estamos atravessados dessas intervenções e nem sempre encontramos o melhor caminho para a pesquisa. Eu acho que o maior desafio com a história oral é a gente ter um discernimento mais apurado, mais refinado da memória do falante.

Revista: Você saberia nos contar o que levou o Campus Universitário de Cáceres ter o nome homenageado a Jane Vanine?

Maria do Socorro: Sei, no ano 2000 eu comecei meu mestrado, terminei em 2002 e meu mestrado foi sobre a vida de Jane Vanine. Jane Vanine é uma moça cacerense, muito conhecida, de família muito conhecida, que nos anos de 1960 mudou-se para São Paulo, ela já havia terminado seus estudos no nível em que hoje conhecemos como fundamental e médio, e mudou-se para São Paulo para continuar a estudar e para trabalhar. Ela tinha duas irmãs que moravam em São Paulo, então ela foi com elas com esse empenho.

Em São Paulo ela começou a frequentar o cursinho de filosofia no grêmio estudantil da USP, na época não existiam os cursinhos preparatórios para vestibular, mas como já em 1964-1965, então havia uma pré-disposição dos alunos em ajudarem os interessados em ingressarem na Universidade em especial na USP.

A Jane começou a frequentar o grêmio da filosofia, lá era um espaço muito politizado em que os estudantes discutiam muito, o pessoal das ciências sociais discutiam muito a política daquela época no Brasil e no mundo inteiro, ou pelo menos no Ocidente. Era um pessoal muito militante, e a Jane começou a se envolver com aquele movimento estudantil e em pouco tempo ela estava seduzida, muito apaixonada pelos ideais e pelas discussões que se faziam na USP.

Então ela foi se envolvendo e lá ela conhece o seu primeiro marido, o Sérgio Capozzi, desse envolvimento ela começa a trabalhar durante o dia e estudar a noite, e começa a ser simpatizante das organizações de esquerda na época. Ela começou uma vinculação direta com a ALN (Aliança Libertadora Nacional) e em 1970, um dos integrantes do grupo em que ela participava, foi preso e torturado, sob tortura ele falou quem conhecia e nessa fala dele ele disse que conhecia entre outras pessoas o Sérgio e a Jane. A partir disso o dois vão para a clandestinidade e saem do Brasil, depois vão para a Europa, Cuba e voltam para o Brasil.

No Brasil, eles recomeçam uma luta contra a ditadura militar, já em uma outra organização, o Movimento de Libertação Popular (Molipo). Em 1971, a fragilidade do grupo político que retomou as ações de militância no Brasil fica fragilizada no momento em que a polícia mata um dos quatro companheiros. Então decidem que estão muito fragilizados e que precisam de ajuda de outras organizações. É

quando a Jane vai para o Chile no final do ano de 1971. Entre os anos de 1972, 1973, 1974 ela passa no Chile.

Durante todo o ano de 1972 e até setembro de 1973 a Jane se incorpora nas organizações estudantis de luta que apoiam o governo de Salvador Allende. Em setembro ocorre o bombardeio do palácio e Salvador Allende cai e um golpe de Estado institui uma ditadura militar no Chile, sob o comando do general Augusto Pinochet.

Então a Jane passa... muda completamente a vida dela no Chile, a essa altura ela já tinha descasado com o Sérgio, e casado com um jornalista chileno. Com a ditadura do Pinochet ocorre uma perseguição muito grande e uma pressão muito forte para encontrar os subversivos do Chile, na perspectiva do que a ditadura chilena pensava.

Então ali ela pertence a uma organização de esquerda chamada (MIR) Movimento Esquerda Revolucionária, de Santiago ela é enviada para uma cidade a quinhentos quilômetros, chamada Concepción. Juntamente com o marido e um grupo do MIR. Em uma emboscada que fizeram na casa em que eles moravam, no enfrentamento com a polícia ela vai ser pega e daí ela não sai viva.

Em poucas linhas essa é a história da Jane Vanine. Eu estive no Chile a pouco tempo e lá ela tem uma história muito mais forte. As sensações que se tem da história dela lá é uma sensação nacional. A Jane, no Chile, pertence mais ao Chile do que ao Brasil.

Bom, mas na sua pergunta é questionado por que é que o Campus de Cáceres se chama Jane Vanine. É devido ao fato de que na época em que eu estava fazendo o mestrado eu acabei fazendo um trabalho junto com a família, e quero aqui registrar o meu agradecimento de ter tido a confiança da família em falar de uma história tão rica e dramática e ao mesmo tempo uma tragédia familiar. Agradeço aos que me confiaram a história da Jane para fazer o mestrado, e que eu tenho muito prazer e muita paixão também em falar dela. Fechando esse parêntese, em 2001 eu já havia feito muitas falas em Cuiabá, na ANPUH e em vários outros eventos uma porção de falas que graças a família, que me permitiu esse trabalho, não ficou apenas como uma história acadêmica.

Eu tinha o intuito de fazer com que Jane Vanine existisse mais na cidade de Cáceres e a história dela tivesse um outro significado, para ela, para a família e para a

cidade. Fiquei muito satisfeita pois, hoje, analiso que depois dessa história ter sido contada de outra forma, a Jane foi absolvida pela cidade. Então acho que isso é um grande ganho da pesquisa sobre ela.

Em relação ao campus, na época o governador do Estado era Dante de Oliveira, que também tinha sido militante do MR8, militante de esquerda, que lutava contra a repressão no Brasil e na América Latina, como a Jane lutou muito contra a repressão no Chile. E, portanto Dante ficou sabendo da Jane e coincidiu que, na mesma época, a UNEMAT precisava criar o Campus Universitário de Cáceres, na época só existia a sede em Cáceres e o Campus era como se fosse a mesma coisa do ponto de vista institucional.

Em 2001, já haviam sido criados alguns campus, como o de Sinop, Alta Floresta, Tangará da Serra, ocorreu uma pressão institucional dentro da UNEMAT, em especial em Cáceres para se criar o Campus Universitário de Cáceres. Coincidentemente na época o governador do Estado foi, no dia seis de outubro, no aniversário da cidade, transferiu o seu governo itinerante para a cidade e um dos atos era criar o Campus em Cáceres. Em função da força que a história dela ganhou, o governo resolveu criar o campus homenageando a Jane pela história dela e pelo que ela representou, naquele tempo tão difícil quando as pessoas eram muito mais guiadas ou tangidas pelo medo e algumas, como elas e outras pessoas nesse país, ousaram a não ter tanto medo e contribuir ainda que das formas como várias interpretações fazem. Mas foram esses militantes com essa coragem inteira e com esse enfrentamento que anos depois fez com que a ditadura se enfraquessesse e a gente voltasse à Democracia nesse país, e aí a gente hoje pode falar inclusive da ditadura que antes nem isso podia. Por isso, o Campus de Cáceres tem essa história.

Revista: Professora, finalizamos a entrevista e gostaríamos muito de agradecer sua contribuição e a gentileza de ter vindo até aqui. Fica aberta a fala. Fique à vontade.

Maria do Socorro: Eu quero dizer que, terminando como eu comecei, dizer que é uma satisfação muito grande estar aqui, tentando contribuir na medida do possível, com um trabalho que eu acho fundamental, que é a produção historiográfica, a produção das pesquisas, torná-las públicas, circular, e, sobretudo com duas meninas tão novas e tão empenhadas em querer fazer com que Mato Grosso tenha uma história mais rica, uma dimensão maior da historiografia e pensar que assim a gente ainda pode apostar na

educação, na juventude do nosso país, pois enquanto estivermos apostando na juventude eu acredito que o Brasil ainda tem uma expectativa muito boa do ponto de vista político, filosófico, sociológico, intelectual, social, cultural.

Eu penso que o trabalho que vocês estão fazendo como alunas de um Programa de Pós-Graduação incentiva muito os outros alunos, quando tiverem acesso a isso que vocês estão fazendo. Eu acho que a gente se reanima com tanta indiferença que a gente tem hoje com a educação, com a formação escolar e com o ponto de vista que a gente precisa recobrar as forças para poder continuar de pé. Portanto, eu quero agradecer e me colocar sempre à disposição daquilo que eu puder ajudar, nos limites que eu puder estar ajudando vocês. Obrigada.